

## **direção do tratamento**



# O tempo na histeria e o fora do tempo do *não-todo*

ELISABETH DA ROCHA MIRANDA

O inconsciente freudiano é atemporal<sup>1</sup>, mas a vida é marcada por uma temporalidade debitária do encontro traumático. Na linha da vida, o sujeito aparece como evanescente na efemeridade de um tempo presente, aparece nas entrelinhas do dito. Existe, então, um inconsciente que está aí, alheio ao tempo, mas também suscetível de presentificar-se por meio das ações que determinam no sujeito. Mas, para esse processo ocorrer, torna-se necessária a função da metáfora paterna, barrando o deslizamento infinito da ação, situando o sujeito em um discurso. Lacan diz "Não há realidade pré-discursiva, cada realidade se funda e se define por um discurso"<sup>2</sup>, dando ao sujeito uma posição sexuada.

Por excelência, a função do discurso é dar ao sujeito acesso a uma parte do gozo perdido como ilimitado ao qual ele renunciou para tornar-se humano. Para se exercer sexualmente em uma posição, o sujeito precisa ocupar um lugar que lhe é dado pela fantasia, forma como cada um recupera seu gozo e sustenta seu desejo, o qual fixa o tempo como sendo sempre o mesmo, atualizado na viagem da vida. Assim, "presente, passado e futuro são como as contas de um colar unidas pelo fio do desejo"<sup>3</sup>. A fantasia rege as relações do sujeito com o tempo, implicando uma acentuação do *fading* subjetivo: sempre muito tarde ou muito cedo para o encontro com o objeto. O inconsciente não conhece o tempo, mas a libido o conhece; existe uma temporalidade de Eros tanto no amor quanto no desejo e no gozo. Por isso dizemos que o sujeito entra no tempo, pois, a partir de sua castração, faz escolhas, e mais especificamente, a escolha na partilha dos sexos. Entre o nascimento e a morte, o tempo é contado e marcado pela posição sexuada, regida pelo desejo e pelo gozo. A escolha exige um ato de assunção subjetiva do sexo, tarefa que faz o neurótico vacilar e especialmente o histérico que se caracteriza justamente por estar sempre um pouco indeciso, mantendo a questão clássica: sou homem ou sou mulher? Essa vacilação torna a histeria exemplar na demonstração

<sup>1</sup> FREUD. "Lo inconciente; Las propiedades particulares del sistema inconciente (1915/2000, p.184).

<sup>2</sup> LACAN. O Seminário, livro 20: *Mais Ainda*. (1972-73/1983, p.45).

<sup>3</sup> FREUD. "El creador literario y el fantaseo" (1907-08/2000, p.130).

<sup>4</sup> FREUD, "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos", (1925/2000, p. 271-272).

de que a fantasia inconsciente, determinante da realidade psíquica, é infantil e sempre atualizada. Freud pensa, inicialmente, que o *desmentido* da falta no corpo da mulher seria indício de uma psicose feminina<sup>4</sup> para, logo em seguida, descartar essa hipótese. No entanto, o conceito de *desmentido* da falta é a raiz da loucura feminina. Temos aí a possibilidade de um sujeito, na posição feminina, situar-se na falta do Outro, no lugar de S ( $\mathcal{A}$ ), e cair no fora do simbólico, do discurso, do sexo, do tempo, lugar em que Lacan situa o que na mulher fica fora do fálico, o *não-toda fálica*.

A histérica banca o homem na tentativa de se colocar toda na norma fálica, como evitação da experiência do *não-todo* fálico, lugar de objeto, de puro real. Quando a fantasia histérica vacila, e o sujeito é chamado a comparecer com a castração, ele se experimenta como objeto e pode, desse lugar, experimentar-se fora do tempo. Vemos isso na vinheta que passo a comentar.

Maria, empresária bem sucedida, tem 35 anos e um filho de 10, fruto de seu casamento. Filha única, sua infância é marcada pelo convívio com uma mãe psicótica, cujo delírio consistia em que as duas deveriam ir para Saturno, planeta onde eram esperadas como rainhas e, para tal, deveriam morrer. Aos cinco anos, evitou uma primeira tentativa de suicídio da mãe que a incluía, a cena repetiu-se por mais três vezes até que, aos dez anos de Maria, a mãe volta para a cidade natal e a família consegue interná-la. No hospício, a mãe, "sozinha, sem a filha" consegue efetivar o suicídio. Essas cenas deixam forte impressão e trazem uma marca temporal. O tempo de vida para Maria sustenta-se pelo lugar que ela ocupa no desejo do Outro, lugar regido pela posição fantasmática de ser a sentinela da vida, de cuidar do outro. Desse lugar, Maria se impõe um destino, repetindo sua história no presente e projetando seu passado no futuro.

Maria passa a viver com a avó paterna, criatura extremamente religiosa que, em suas orações, pede ao "pai nosso que estais no céu" para perdoar a mãe de Maria, "essa alma em sofrimento que arde no inferno". O pai abandona a casa quando Maria tem três anos e morre assassinado em uma briga, "por causa de mulher", quando ela tinha quatro anos. A única ligação de Maria com o pai é a avó religiosa e que foi agressivamente contestada por sua mãe, para quem "a religião era a expressão máxima da ignorância," com o que Maria concorda com exaltada veemência.

Com o marido, vive uma relação praticamente sem sexo, pois ela “não acha muita graça nestas coisas”, além do mais ele é bruto, grialhão e só fala de si. Não trabalha, passa os dias estudando, contesta *a priori* toda e qualquer opinião vinda de Maria. Identifica no marido muitos traços da própria mãe, “ele é assim como ela: intempestivo, imprevisível, inadequado socialmente, briga com todo mundo, é um homem fora de propósito, alguém que não pode ficar sozinho porque faz bobagens, precisa ser cuidado”. Diante dele, Maria coloca-se no mesmo lugar que ocupava junto à mãe, “ela precisa salvá-lo”, não pode abandoná-lo, ele não tem vida própria e pode morrer, assim como sua mãe que, “sozinha, sem a filha, se mata.” A relação se mantém ancorada na infância feliz do filho e, também, no saber desse homem que, no dizer de Maria, é tudo isso, mas “não me deixa no ar, sempre sabe o que fazer, entende de todos os assuntos, é louco, mas muito inteligente. Eu não tenho paciência para pessoas limitadas, minha mãe era brilhante.” Em sua vida, ela permanece fixada no espaço e no tempo, no lugar que encontrou junto à mãe.

Maria viaja a trabalho e conhece um homem por quem se encanta de forma desmedida. Em suas palavras, “experimenta com ele uma sensação de intimidade e de estranheza concomitantes, que a impedem de se afastar e ao mesmo tempo lhe causam medo, é a paixão ou o perder-se nele.” O homem é pobre como sua família e Maria resolve dar-lhe uma chance na vida, oferecendo-lhe a representação de sua empresa na cidade dele. A oferta recusada causa-lhe irritação, mas “ela sente-se abraçada por aquele homem forte que a escuta e lhe diz palavras de amor”. Do sexo, o melhor são os abraços, mas é estranho, “pensei que queria alguém para cuidar de mim, mas me senti insegura com isso.” É para evitar deparar-se com o real da castração, marcado pela privação no corpo, que a histérica eterniza o desejo como insatisfeito. Sua prática consiste essencialmente na dissociação entre desejo e gozo, fazendo com que sua essência temporal seja obter a eternização do desejo pela suspensão do gozo. Tanto com o marido, quanto com o namorado, observa-se a estratégia histérica para lidar com o tempo. Duas possíveis conseqüências disso são: o fenômeno da frigidez, no sentido da recusa radical ao gozo sexual e a exacerbação do amor eternizado como insatisfeito.

Maria, ao retornar à casa, mantém com o namorado uma

correspondência por *email* durante um mês e meio, até lhe comunicar que decidiu ir vê-lo. A passagem já estava comprada. É então surpreendida com a reação do namorado: “ela não deve ir, ele não estará na cidade.” Desde então, ele se esquia dos encontros e não responde mais aos *emails* de Maria. Tenta falar com ele pelo telefone, ele atende, mas ela não ouve sua voz, ele permanece mudo e desliga. O silêncio dele é encarnado por Maria que emudece e, muda, faz de seu corpo - assim como a mulher de Mausolo que bebe as cinzas do marido, para tomar seu lugar - o mausoléu de um grande amor. O sintoma conversivo leva-a à análise após quatro meses de mutismo e uma vasta peregrinação pelos consultórios dos otorrinos. Com seu sintoma, ela mantém a adoração ao homem, a exacerbação do amor eternizado como insatisfeito, não realizado e, por isso, perfeito.

Enciumado, o marido - com quem ela se furta ao gozo, mas que a mantém em sua posição fantasmática - sai de casa. Maria se vê só. Já não há com quem ocupar o lugar de “salvar o outro”, diz que não entende bem como as coisas mudaram tanto e tão bruscamente. Sente-se perdida, como pode o marido nem telefonar? Talvez tenha se metido em confusão, mas, e se ele estiver bem? O namorado evaporou do nada. “O futuro é a espera, o passado a lembrança, mas ambos são vividos no presente sempre instantâneo”<sup>5</sup>. Maria não consegue se situar no instante presente em que o futuro esperado some e o passado já não lhe dá garantias.

“Durante a semana sou empresária e mãe, no fim de semana, sem filho e marido para cuidar, não sou nada, caio no vazio, me sinto desmanchando, sem fio terra, no espaço. Não consigo tirar a camisola, nem comer nem me mexer, passo todo o fim de semana na cama, com um vazio aterrorizante. É horrível sentir que você toda é um grande e assustador buraco.” Maria é pura angústia, estado que aponta para ela o aniquilamento, o desmanchar-se no lugar em que as palavras e os pensamentos lhe faltam. Mas ainda assim, as representações que ela pode fazer dessa angústia, mantém-na no registro do sentido.

“Será que vou ficar louca como minha mãe? Nada tem sentido, e quando amanhece na segunda-feira preciso recuperar o corpo, começar a vesti-lo e a compô-lo, preciso vestir com palavras até as coisas, saio falando em voz alta o que estou fazendo”. Explica esse “vestir as coisas” dizendo que as nomeia à medida

<sup>5</sup> Santo Agostinho. *Confissões*. (1973, p.244).

que vai agindo. “Eu sou Maria, vou me levantar, calçar os chinelos etc. Quando me recupero, paro de falar sem perceber.” Maria tenta se apoderar do tempo presente, tenta fazê-lo parar para que ela se situe nomeando seus atos e objetos com voz cada vez mais alta, mas ainda assim as coisas lhe escapam, porque “o presente – ou aquilo que era o presente-já é passado”<sup>6</sup> e o passado para Maria, as lembranças e representações com as quais ela construiu sua fantasia foram abaladas pelo encontro com o real do sexo que a fez experimentar-se como objeto despido. Nua de significantes, nos momentos de maior angústia, nos quais tem medo de se desintegrar, ela começa a repetir automaticamente, “pai nosso que estais no céu, pai nosso que estais no céu”, e só assim “volta à vida, ao tempo dos outros”. Essas palavras, pelas quais é tomada, são para ela enigmáticas: “como posso eu rezar? Eu não tenho religião, não vivo de credices e elas me irritam, eu sei que não estou rezando.” Repetindo o significante da avó paterna, Maria volta ao registro do fálico. Ela se vê como objeto, e o objeto desregula o desenrolar uniforme do tempo. Ela sai do tempo à medida em que sua posição fantasmática revelada através dos significantes - “sentinela da vida”, “guardiã do outro”, “salvar a vida do outro” - vacila no encontro com um homem, no qual ela se vê como objeto caído e dejetado do Outro simbólico, lugar em que Maria coloca o amante, lugar de endeusamentos próprios à exacerbação do amor.

Suas graves crises de angústia, como ela as chama, já não acontecem com tanta frequência, mas ela conclui pertencer a um grupo de mulheres que amam demais, por isso pensou em ingressar na MAD (associação das mulheres que amam demais), mas descobriu que a condução dos encontros nesta associação é a mesma dos AA (Alcoólicos Anônimos) e ela não está aí para “lavagem cerebral”.

Identificada com a falta tomada como objeto, Maria perde-se na falta do Outro, tornando-se pura ausência, um ser para a eternidade, para o fora do tempo, de onde só retorna com o apelo ao significante vindo da família paterna.

Maria continua na viagem da vida, habitando tanto o lado fálico - como empresária e mãe - quanto o fora do tempo do lado *não-toda* fálica, posição à qual é compelida pela presença do homem esperado, sempre inadequado, nunca alcançado, fora do tempo.

<sup>6</sup> BORGES. “Le Temps”, (1978, p. 203).

## referências bibliográficas

- BORGES, Jorge Luis. (1978) "Le Temps" Em: *Conférences*. Paris: Gallimard Folio, 1985.
- FREUD, S. -(1915) "Lo inconsciente; Las propiedades particulares del sistema Inconsciente. Em *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores, vol.14, parte V, 2000.
- FREUD, S. (1907-1908) "El creador literário y el fantaseo" Em: *Obras Completas*, Buenos Aires: Amorrortu editores, vol.9, 2000.
- FREUD, S. (1925) "Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos". Em: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu editores vol.XIX 2000
- LACAN J. - (1964) Do Trieb de Freud Em: Escritos Rio de Janeiro Jorge Zahar editor 1998 p.867
- LACAN J. (1972-1973) *O Seminário, livro 20: Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões. Livro XI: O homem e o tempo*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

## resumo

A partir do fragmento de um caso clínico, a autora discute a questão do tempo e sua relação com a posição que um sujeito pode adotar nas fórmulas da sexualização. Tratando-se de um sujeito histérico, o que se evidencia é a vacilação entre o fálico e o *não-todo* fálico, entre a estratégia histérica para lidar com o tempo em sua vida erótica e o fora do tempo da *não-toda* fálica.

## palavras-chave

tempo- sexualização -fálico- não-todo fálico-  
histeria

## abstract

From the fragment of a clinical case the author discusses the issue of time and its relationship with the sexed position an individual can assume in the formulas of sexualization. Whereas he is a hysterical individual, what is highlighted is the hesitation between the phallic and the not-all phallic, between the hysterical strategy for dealing with time in his erotic life and the out-of-time of the not-all phallic.

## key words

time – sexualization – phallic – not-all phallic –  
hysteria

recebido

10/09/2008

aprovado

08/11/2008